

05/08/2016 às 05h00

# O mundo que a guerra no Iraque criou

Por **Robert Harvey**

A "terra dos dois rios" - região onde estão Iraque e Síria -, é hoje um deserto de sofrimento humano e destroços, e o relatório da Investigação sobre o Iraque, comumente referido como o "Relatório Chilcot" (em referência a seu presidente, sir John Chilcot), objetivou ajudar a explicar como chegamos a essa situação. Agora que o documento detalhou a extensão da culpabilidade britânica na invasão americana do Iraque em 2003, as pessoas implicadas nas conclusões do relatório estão usando dois argumentos para refutá-lo.

O primeiro, oferecido pelo ex-primeiro-ministro Tony Blair, diz que o mundo estaria muito pior, hoje, se o presidente iraquiano Saddam Hussein tivesse continuado no poder. O segundo é que a invasão do Iraque teria tido êxito, não fosse pela falta de planejamento pós-invasão, o que deu margem ao caos que se seguiu.

O segundo argumento tem alguma verdade. Mas o primeiro argumento é certamente falso - uma tentativa desesperada de "gestão de reputação" daqueles responsáveis por uma decisão desastrosa.

---

***O Iraque abandonou seu projeto nuclear em 1991; não tinha armas biológicas e só detinha uma capacidade limitada em armas químicas. Em nenhum momento após sua expulsão do Kuwait, o regime de Saddam representou séria ameaça para a região ou para o Ocidente***

---

Para observadores acadêmicos e outros que reportaram do Iraque à época, como eu, Saddam era um protótipo de tirano regional. Era um tirano assassino; mas sua principal preocupação era com o Irã, com o qual travou, com o apoio ocidental, uma guerra inútil de quase dez anos que custou um milhão de vidas e terminou num impasse.

Quando Saddam invadiu o Kuwait em 1990, ele assumiu tratar-se de uma disputa puramente regional sobre petróleo e reivindicações territoriais. Ele acreditou, erroneamente, que o Ocidente tinha lhe dado sinal verde.

A invasão do Kuwait foi revertida pela Operação Tempestade no Deserto e outros eventos que levaram os EUA, o Reino Unido e a França a impor sanções incapacitantes e zonas de exclusão aérea a grandes áreas do Iraque. Com essas medidas em vigor, o Iraque de Saddam foi enfraquecido quase ao ponto de colapso.

Em seu Estado então debilitado, Saddam continuou obcecado com o Irã e insinuou possuir armas de destruição em massa. O Iraque, porém, tinha abandonado seu projeto nuclear em 1991, não tinha armas biológicas e só detinha uma capacidade limitada em armas químicas. Em nenhum momento após ter sido expulso do Kuwait o regime de Saddam representou uma séria ameaça para a região ou para o Ocidente. Ele estava contido como um chagal numa jaula.

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, o governo de George W. Bush, compreensivelmente, retaliou, invadindo o Afeganistão, onde o governo do Taleban hospedava campos de treinamento da Al-Qaeda. Em dezembro de 2001, o governo Bush estava considerando atacar também o Iraque.

O maior obstáculo à administração Bush era a ausência de uma conexão comprovada entre o regime de Saddam e o extremismo islâmico, embora tenha sido feito um esforço para inventar a ocorrência de uma reunião entre representantes dos dois em Praga. Muito pelo contrário: o regime de Saddam e o Islã militante eram inimigos mortais.

Ainda assim, importantes figuras do governo estavam determinadas a entrar em guerra contra o Iraque e por isso fabricaram uma justificativa: a ameaça de armas de destruição em massa. Na realidade, não havia nenhuma nova ameaça iraquiana nem qualquer indicação de que o Iraque estava em condições de mobilizar tais armamentos. E mesmo quando Saddam usou armas químicas, anos antes, contra as forças iranianas em 1988,

na guerra na península de Faw, e contra os curdos iraquianos em 1991, a reação internacional implicou, no máximo, uma zona de exclusão aérea, e não uma invasão. (O incidente de 1988 não suscitou qualquer reação).



Além disso, na campanha de 1991 visando libertar o Kuwait, os países ocidentais ameaçaram reagir com armas nucleares táticas, caso Saddam mobilizasse armas químicas. Ele não o fez; e durante as inspeções das Nações Unidas antes da invasão de março de 2003 não surgiu nenhuma evidência de qualquer programa adicional de armas de destruição em massa (ADM, em inglês).

O objetivo claro da invasão de 2003 foi a mudança de regime. Na verdade, Blair praticamente admitiu isso. No início deste ano, ele explicou à Comissão de Relações Exteriores do Parlamento que tinha dúvidas sobre uma intervenção ocidental na Líbia por temor de repetir os acontecimentos no Iraque.

Os danos causados pela mudança de regime no Iraque foram substanciais. De acordo com o relatório Chilcot, pelo menos 150 mil iraquianos (possivelmente, quatro vezes esse número) foram mortos nos anos após a invasão e cerca de três milhões de pessoas foram expulsas de suas casas. A situação de segurança está muito pior do que sob Saddam e a economia não melhorou.

Por outro lado, como muitos haviam à época advertido, o Irã, com o desaparecimento da maior barreira histórica à sua expansão, agora desfruta de uma vantagem estratégica significativa. Por meio de milícias xiitas e o apoio de um governo solidário em Bagdá, o Irã está praticamente ocupando grande parte do Iraque. O mesmo, também, está fazendo o chamado Estado Islâmico, em grande parte formado por ex-asseclas sunitas de Saddam. Eles estão envolvidos em combates contra o regime pró-iraniano assassino do presidente sírio, Bashar al-Assad; contra alguns grupos combatentes pró-ocidentais apoiados por ataques aéreos americanos e britânicos; assim como contra os curdos, turcos e russos. A visão de que a guerra civil síria nada tem a ver com os acontecimentos no Iraque é insustentável.

Só podemos imaginar como seria o mundo caso a invasão de 2003 não tivesse ocorrido. Um Saddam envelhecido ainda poderia estar governando, mas ele poderia representar pouca ameaça, a não ser para seu próprio povo. Ele poderia entregar o poder a um de seus malignos filhos, ou talvez um outro homem forte assumiria o governo, como Anwar el-Sadat fez no Egito após a morte de Gamal Abdel Nasser, em 1970. Sadat, então, iniciou um processo de aproximação com o Ocidente, como também poderia ter acontecido na Líbia, se Muammar Gaddafi não tivesse sido derrubado.

Certamente, nem mesmo Blair acredita que este mundo, por mais que esteja insatisfatório, seria pior do que o turbilhão incendiário que hoje está engolfando o Oriente Médio e pondo em risco a segurança europeia. **(Tradução de Sergio Blum)**

**Robert Harvey, ex-membro da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Comuns, é autor de "Global Disorder and A Few Bloody Noses: The Realities and Mythologies of the American Revolution". Copyright: Project Syndicate, 2016.**